

CRIAÇÃO DE UMA **CULTURA DE SUSTENTABILIDADE** É O PRIMEIRO PASSO PARA EMPRESAS INTERESSADAS EM **ALAVANCAR JORNADA VERDE**

Não é de hoje que a necessidade de adoção de práticas sustentáveis vem mobilizando organizações em todo o mundo. O contexto mais atual, contudo, faz com que a temática ESG (sigla que vem do inglês *Environmental, Social and Governance*) ganhe força no dia a dia operacional dos segmentos industriais. Em muitos deles, atender aos requisitos das normas e programas estabelecidos pelos órgãos certificadores é apenas uma das exigências para atuar em anuência aos padrões legais vigentes.

A obtenção de outros diversos tipos de selos verdes, por exemplo, é bem-vinda como diferencial. O movimento global de incentivar o setor econômico a promover práticas sustentáveis cresce a cada ano. De acordo com a projeção da Climate Bonds Initiative, a emissão de títulos para financiar projetos sustentáveis, também chamados *green bonds*, dobrou nos últimos dois anos e deve atingir US\$ 1 trilhão até 2023, o que demonstra que o bom desempenho ambiental de uma empresa já começa a trazer vantagens competitivas na esfera financeira.

Apesar de o universo industrial brasileiro contemplar camadas distintas – abrigando *players* de pequeno, médio e grande portes, e refletindo uma realidade repleta de espaços para melhorias em cada uma delas –, os segmentos que formam o parque industrial do Brasil parecem ter despertado para os desdobramentos contínuos e acelerados da jornada verde. Quem faz a análise é Julia Strassburger, orientadora técnica e docente dos cursos técnicos de Meio Ambiente e Qualidade do Senac EAD.

Na entrevista a seguir, ela faz uma contextualização sobre o cenário nacional e elenca os desafios ainda enfrentados por empresas que buscam incrementar seus processos e portfólio em prol de uma atuação mais sustentável.

POR CAROLINE MARTIN
Especial para *O Papel*

“

É possível prospectar que teremos indústrias a médio e longo prazos que adotarão novas formas de pensar e gerir com foco na diminuição dos impactos, e que, mais adiante, seguirão comprometidas com o desenvolvimento sustentável e a prosperidade do planeta”

O Papel – De forma geral, como você avalia a conduta da indústria nacional em relação a práticas sustentáveis? Acredita que o grau de conscientização é maior atualmente? Quais fatores justificam o cenário atual?

Julia Strassburger, orientadora técnica e docente dos cursos técnicos de Meio Ambiente e Qualidade do Senac EAD – As indústrias do Brasil estão cada vez mais envolvidas quanto às práticas sustentáveis. Isso se deve especialmente à questão da imagem que a empresa transparece, principalmente as de capital aberto. Atualmente, o crescimento em torno da temática ESG vem se tornando mandatório nos espaços de negociação nacional e internacional, somando mais um motivo para a maior apropriação pelas indústrias quanto aos indicadores ambientais, social e econômico. Um aumento da conscientização da população também é perceptível por meio da maior aderência aos programas e ações de educação ambiental alavancados pelas grandes companhias. Grupo Boticário, Natura e Ambev são alguns exemplos de empresas que fornecem dados e informações sobre a origem de suas matérias-primas, processo produtivo e projetos de reutilização de materiais e resíduos. Quem está na indústria sabe que não se trata de um tema novo: há pelo menos duas décadas, as empresas nacionais vêm se estruturando e repensando o consumo, focadas na redução e não geração de resíduos. A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), de 2010, também fomenta modelos de negócio que fornecem produtos e serviços visando à maior vida útil, ao menor impacto ambiental e até mesmo aos negócios que reutilizem materiais, contribuindo para o aumento da conscientização por meio da geração de renda.

A POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS TAMBÉM FOMENTA MODELOS DE NEGÓCIO QUE FORNECEM PRODUTOS E SERVIÇOS VISANDO À MAIOR VIDA ÚTIL E AO MENOR IMPACTO AMBIENTAL, CONTRIBUINDO PARA O AUMENTO DA CONSCIENTIZAÇÃO POR MEIO DA GERAÇÃO DE RENDA

Ainda neste contexto mais atual, passou-se a identificar com maior intensidade a necessidade de destinar corretamente os resíduos, principalmente atuando na separação e destinação correta, enviando os materiais para reciclagem.

O Papel – A conscientização sobre a necessidade de adotar métodos fabris ambientalmente apropriados está em linha com as mudanças necessárias para de fato chegar a tais práticas? Ou ainda há uma discrepância entre conscientização e prática?

Julia – Dados do Sistema Nacional de Informações sobre a Gestão dos Resíduos Sólidos (SINIR), de 2019, informam que o índice nacional de recuperação de resíduos é 1,67%, considerando a quantidade reutilizada, reciclada e recuperada energeticamente em relação à quantidade to-

tal de resíduos sólidos urbanos. Quando comparamos com os dados da Europa, vemos que o índice ainda é baixo. Sabemos que isso ocorre por uma série de fatores, dentre eles, a baixa adesão da população aos sistemas de coleta seletiva, principalmente pela falta de conhecimento do serviço, não existência ou má estruturação de mercados locais de comercialização e reciclagem, além da concorrência desleal com alternativas de destinação final não ideais (lixões e aterros). Essa soma de fatores também influencia as práticas de algumas indústrias e faz com que optem por não seguir modelos sustentáveis ou mesmo não atender às regulamentações vigentes. A adoção de métodos de fabricação mais sustentáveis acontece principalmente quando se gera economia de recursos financeiros. Há, por exemplo, um grande movimento de empresas investindo em usinas de produção de energia solar ou eólica para a compensação do próprio consumo. Também encontramos empresas que estão revisitando seus modelos de negócios e processos, priorizando equipamentos, matérias-primas, insumos que gerem menor impacto ambiental e promovam a valorização das pessoas inseridas no ciclo. O movimento ainda é lento se comparado à necessidade de mudança. Infelizmente, o resultado financeiro é preponderante na tomada de decisão das empresas e, muitas vezes, a regulamentação torna-se um limitador, pois ainda temos poucos incentivos, muitas obrigações e taxas regulatórias. De modo geral, o foco atual da questão ambiental no noticiário brasileiro tem sido o desmatamento destinado ao plantio, assim como a exploração da Amazônia. Tem ocorrido um esforço grande, via campanhas publicitárias, para mostrar os avanços conquistados pelo agronegó-

cio em sustentabilidade. Afinal, podemos conferir grandes avanços tecnológicos e uma melhora quanto a incentivos governamentais para a adoção de práticas adequadas à conservação do meio ambiente. Essa condição faz com que toda a cadeia adote novos métodos e revise os controles e ações realizadas até o momento.

O Papel – O ambiente industrial brasileiro é receptivo a melhorias? Quais principais desafios você observa para os players que desejam implementar incrementos em prol de práticas sustentáveis?

Julia – O Brasil tem se mostrado mais receptivo ao tema, principalmente por entender que ser sustentável gera maior economia financeira e que é uma necessidade exigida pelo mercado internacional. Esta é chave da virada, porque por muito tempo se atrelou a imagem da sustentabilidade ao aumento de custos. Obviamente, isso também estava relacionado à dificuldade de acesso a tecnologia, principalmente de fora, ao passo que, hoje, temos grandes avanços realizados no próprio País, até mesmo por iniciativa das próprias indústrias. O fato é que precisamos de mais investimentos direcionados a educação e pesquisa, e, principalmente, mais apoio advindo de políticas públicas, que hoje acabam dificultando o acesso e não oportunizando rendimentos.

O Papel – Empresas de pequeno e médio portes enfrentam mais dificuldades para adequar seus processos de acordo com os padrões e exigências atuais? Na sua visão, quais são as melhores estratégias para driblar tais gargalos e dar início à jornada verde?

Julia – As empresas de pequeno e médio portes acabam sendo mais im-

PARA SER UMA EMPRESA AMBIENTALMENTE CORRETA É FUNDAMENTAL ENTENDER OS IMPACTOS QUE REALIZA E ATENDER ÀS LEGISLAÇÕES AMBIENTAIS PERTENCENTES AO NEGÓCIO. É PRECISO, A PARTIR DISSO, INVESTIR NA CRIAÇÃO DE UMA CULTURA DE SUSTENTABILIDADE, TRAZENDO AS INFORMAÇÕES PARA O CENTRO DO PROCESSO ESTRATÉGICO

pactadas no momento de adequação de seus processos, principalmente se não incluem ações que visam à sustentabilidade desde o início na sua estratégia. Isso acontece em razão do pouco incentivo governamental para práticas sustentáveis e faz com que o pequeno negócio precise investir em inovação e buscar soluções que, muitas vezes, tornam-se custosas à primeira vista. Por isso é importante não tomar ações de forma individual, mas criar redes de cooperação com parceiros que contribuam para a reutilização de materiais, façam a destinação correta dos resíduos, ou ainda, realizem trocas de informações e referências bem-sucedidas.

O Papel – Na prática, quais são os primeiros passos para uma empresa se tornar ambientalmente correta? Quais são as principais condutas a serem adotadas por players que desejam se transformar em uma empresa verde?

Julia – Para ser uma empresa ambientalmente correta é fundamental entender os impactos que realiza e atender às legislações ambientais pertencentes ao negócio. É preciso, a partir disso, investir na criação de uma cultura de sustentabilidade, trazendo as informações para o centro do processo estratégico da empresa. Ou seja, a forma como a instituição atua, do início ao fim de sua cadeia produtiva, deve estar baseada na redução do consumo de recursos naturais e insumos, e até a não geração de resíduos. Além disso, as ações devem estar atreladas ao bem-estar dos funcionários e a comunidade onde a empresa está inserida.

O Papel – Quais oportunidades essas iniciativas podem trazer no curto, médio e longo prazos?

Julia – A curto prazo teremos a completa adequação das empresas ao cumprimento das regulamentações e até mesmo a busca pela certificação ISO 14001:2015 do negócio, que fornece e auxilia a estruturação de um sistema de gestão eficaz, permitindo que a organização não só atinja seus objetivos e metas ambientais, mas também alcance a melhoria contínua do seu processo. A médio e longo prazos, é possível vislumbrar a perpetuação e consolidação da empresa, pois com uma adesão maior às iniciativas verdes é possível adquirir reconhecimentos internacionais e selos – lembrando que o próprio mercado tende a excluir os produtos “menos verdes” ou empre-

sas que não aderirem a temática. Num movimento similar ao que aconteceu com a questão da qualidade e garantia dos produtos dos anos 1980 para cá, há uma seleção gradual. A questão qualidade não é mais um diferencial e sim uma obrigatoriedade, o que tende a ocorrer também com a questão ambiental, tornando o envolvimento e o comprometimento das empresas cada vez mais necessários.

O Papel – Como você avalia o posicionamento da indústria nacional de celulose e papel neste contexto evolutivo?

Julia – As indústrias de papel e celulose atuam fortemente na redução de impactos ambientais e na adoção de práticas de responsabilidade social, podendo ser consideradas exemplos a serem seguidos, já que estão devidamente estruturadas, desempenhando ações concretas em curto, médio e longo prazos. Sabemos que muitas das ações partem das exigências do mercado internacional, como contar com as certificações ISO e produzir relatórios de sustentabilidade (GRI), mas, além disso, vemos uma atuação forte quanto aos investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação. Um exemplo disso é a adesão e o desmembramento dos ODS (17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) da ONU dentro do negócio das duas maiores referências do mercado, Suzano e Klabin. Essas corporações definiram metas e estão atuando para reduzirem as emissões atmosféricas, implementar maior uso de energias renováveis, fornecer saúde e bem-estar a todos os colaboradores, entre outras frentes que podem ser consultadas nos sites das empresas.

AS INDÚSTRIAS DE PAPEL E CELULOSE ATUAM FORTEMENTE NA REDUÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS E NA ADOÇÃO DE PRÁTICAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL, PODENDO SER CONSIDERADAS EXEMPLOS A SEREM SEGUIDOS, JÁ QUE ESTÃO DEVIDAMENTE ESTRUTURADAS, DESEMPENHANDO AÇÕES CONCRETAS EM CURTO, MÉDIO E LONGO PRAZOS

Quando falamos deste setor, vemos que é composto por empresas de menor capital, mas que também estão comprometidas com o atendimento das legislações ambientais, pois neste ramo isso é premissa básica e indiscutível. Outro case que exemplifica bem essa esfera é o da Trombini, que investe continuamente em tecnologias e modernização das unidades fabris, buscando fornecer, junto aos seus produtos, soluções sustentáveis. Além disso, a empresa adota como estratégia ambiental, o monitoramento contínuo de suas atividades industriais, por intermédio de diagnósticos permanentes das áreas em que atua. Possui ainda algumas frentes de trabalho no âmbito da responsabilidade social, focando nas comunidades onde

atua. Isso demonstra que neste segmento encontramos empresas comprometidas independente do seu capital.

O Papel – O que você prospecta para a sustentabilidade da indústria nacional no curto, médio e longo prazos? Em quantos anos devemos atingir as metas estipuladas hoje?

Julia – Primeiro, a indústria nacional precisa voltar a ter incentivos e realizar os investimentos necessários para retomar o patamar satisfatório de desenvolvimento. Os últimos anos têm sido de retração em vários setores, seja por falta de investimentos ou pela queda do consumo interno, em função da retração da massa salarial somada ao aumento do nível de desemprego. Por outro lado, existe um movimento de reorganização dos blocos econômicos em nível mundial, no qual é possível verificar que os dois maiores motores da economia mundial, China e Estados Unidos, reconfiguraram seus mercados, principalmente com os Estados Unidos reduzindo sua dependência de produtos da China, o que abre possibilidade para fornecimento da indústria de outros países, incluindo o Brasil. Sendo assim, é possível prospectar que teremos indústrias a médio e longo prazos que adotarão novas formas de pensar e gerir com foco na diminuição dos impactos, e que, mais adiante, seguirão comprometidas com o desenvolvimento sustentável e a prosperidade do planeta. Hoje temos os ODS para nos nortear e guiar, com metas a serem atingidas até 2030. A data está próxima e acredito que muitas empresas ainda não conseguirão atender as premissas. Mas muitas estão no caminho certo e, nos próximos 15 anos, devemos ter mudanças significativas nesta temática. ■